

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVII nº 1238 - 21/10/2013 a 27/10/2013

Tiragem desta edição 24.000 exemplares



PORTO

PROPOSTA DO PARANÁ E DO GOVERNO FEDERAL BRASÍLIA DECIDIRÁ CERTO?

JORGE SAMEK

.....
Linha de transmissão
ao Paraguai

História

.....
A rodovia
do café

PLANTAS MEDICINAIS

.....
O paraíso está em
Mandirituba

Aos Leitores



Embora parabenizados em Brasília por razão dos entendimentos dos representantes da economia, que produziram uma proposta adequada para o Porto de Paranaguá, não dá ainda para comemorar. Os episódios que ocorreram sobre as propostas do governo federal e paranaense, esta, consolidada através do Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto de Paranaguá (PDZPO), foram detalhados nas duas últimas edições deste Boletim.

A decisão agora está com a ministra paranaense Gleisi Hoffmann, encarregada de resolver os problemas dos portos nacionais pela presidente da República.

Nesta edição, o pedido da FAEP a cinco Ministérios para a comercialização de 2 milhões de toneladas de milho; a demonstração de que a agricultura é uma indústria, num artigo do presidente da Embrapa; e a revelação que o Paraná lidera a produção nacional de plantas medicinais e a rainha é a pequena Mandirituba, na Região Metropolitana de Curitiba.

E na seção “história” o tema é a Rodovia do Café, um símbolo da integração do nosso Estado.

Índice

Porto de Paranaguá	03
Insetos e Clima	06
Jorge Samek	08
Índia	10
Presidente da Embrapa	12
História	14
Plantas Medicinais	16
Segurança do Trabalho	19
Leite	22
Milho	24
Cartas/Notas	25
Comissões/Fundepc	26
Conseleite	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Divulgação, Fernando Santos, Arquivo FAEP, AEN, APPA e Agência Brasil

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos, André Amorim e Tatiano Maviton | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Governo Federal elogia o projeto paranaense para o nosso Porto

“Parabéns ao Paraná, porque tem uma proposta muito bem organizada. Dá uma demonstração de união, que busca os mesmos objetivos nessas reuniões com os órgãos do governo federal (SEP e Antaq)”



Curioso, os elogios foram disparados de surpresa pelo secretário de Planejamento e Desenvolvimento Portuário da Secretaria Especial de Portos (SEP) da Presidência, Rogério Menescal, na segunda feira (15), em Brasília.

O cenário ocorreu no exótico edifício Pétalas, onde estão as instalações da Secretaria encarregada de modernizar os portos brasileiros, sob o comando da ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil. Uma reunião colocou representantes das principais entidades do Estado e de setores ligados ao sistema portuário nacional (*).

Afinal, o mesmo Menescal, em 27 de setembro último, num encontro com usuários do Porto de Paranaguá na Federação das Indústrias do Paraná (FIEP), não conseguiu explicar os motivos que levaram Brasília a desconhecer o projeto paranaense

de arrendamento e concessões para o seu Porto(BI 1236). Talvez tenha mudado de ideia e reconhecido os fortes argumentos contidos na última proposta apresentada à SEP e à Agência Nacional de Transporte Aquaviários (veja na pg 4).

A FAEP, historicamente, se posicionou e se posiciona na defesa dos interesses dos empresários e por consequência do Paraná. E eles, os interesses, estão sem reparos, contidos no demorado, detalhado e didático Projeto de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto de Paranaguá.- o PDZPO. A princípio escanteado, esse projeto foi avaliado, reavaliado e finalmente, parabenizado. As congratulações, porém, só ocorrerão com a decisão da ministra paranaense Gleisi Hoffmann, dona da palavra final.



Para - Governo Federal Do – PIB paranaense

Datada em 10 de outubro e assinada pelas principais entidades e Federações do Estado, foi encaminhado à ministra Gleisi Hoffmann uma exposição detalhada e didática com os aperfeiçoamentos da infraestrutura e logística dos portos paranaenses.

**Excelentíssima Senhora
Gleisi Hoffmann**

Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República
Brasília – DF
Prezada Ministra,

As entidades integrantes do Fórum Permanente Futuro 10 Paraná e do Grupo das Federações (G-7), reconhecem o esforço do Governo Federal em promover a modificação da legislação portuária e desencadear o processo de requalificação dos portos, a fim de facilitar e agilizar os investimentos para modernização e ampliação da capacidade operacional dos portos brasileiros.

Destacamos que o Paraná já vem trabalhando com esse objetivo, tendo contratado, inclusive, a Universidade Federal de Santa Catarina para elaboração do Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto Organizado (PDZPO), que foi amplamente discutido e aprovado por unanimidade pelo Conselho de Autoridade Portuária (CAP), em 2012.

Paralelamente, a APPA cumpriu as exigências do IBAMA, que concedeu a licença de operação do Porto de Paranaguá, que há mais de 10 anos estava pendente.

Também foram realizadas recentemente dragagens dos berços em diversos pontos críticos do Canal da Galheta e, agora, inicia-se a dragagem de manutenção do canal, da bacia de evolução e dos berços de atracação dos portos de Paranaguá e Antonina.

Iniciou-se o processo de modernização do corredor de exportação com a aquisição de 4 novos carregadores (shiploaders) e ainda está sendo elaborado o projeto executivo para construção do píer em formato de “T” e também, está em andamento a execução dos projetos executivos dos piers em formato de “F” e “L”.

Foram realizados 15 estudos de viabilidade técnica,

econômica e ambiental (EVTEA) de áreas com potencial de expansão da capacidade de movimentação, todos dispo de projetos básicos e conceituais que demonstram a capacidade para implantação de novos empreendimentos.

A proposta apresentada pelos representantes da SEP e da Antaq, em Curitiba, no último dia 27 de setembro, consolidada por meio da publicação de Aviso 06/2013 vem de encontro aos objetivos do governo e do setor produtivo do Paraná estabelecendo critérios de competitividade, concorrência e redução de preços finais aos usuários do porto.

Fundamentadas no perfil vocacional dos portos paranaenses que apontam um crescimento da movimentação para os próximos anos, as entidades subscritoras propõem alguns aperfeiçoamentos no Aviso 06/2013, visando a melhoria da infraestrutura e logística dos portos do Paraná, com vistas a manter o compartilhamento das estruturas por diversos operadores e o aumento da capacidade instalada de armazenagem e de movimentação de cais.

Nesse sentido, apresentamos um conjunto de propostas para as quais solicitamos seu apoio. Vale ressaltar que o corredor de exportação de Paranaguá é uma referência na formação de preços internacionais, pelo fato de possibilitar a composição de lotes por diversas operadoras e com segmentação de cargas. Neste sentido, preocupa-nos o formato apresentado pela SEP/Antaq que concentra os espaços, podendo propiciar o fortalecimento de grandes grupos econômicos, que já dominam o fornecimento de insumos para os agricultores e o recebimento da produção.

As propostas constantes no anexo foram amplamente discutidas com a sociedade e usuários do porto, representando um consenso do Paraná.

Atenciosamente,

Darci Piana
Fecomércio

João Paulo Koslovski
Fecoopar/Ocepar

José Eduardo Moraes Sarmento
Associação Comercial do Paraná

Nilson Hanke Camargo
FAEP

Edson Campagnolo
FIEP

Marcelo Bernardi Andrade
FACIAP

Honório Olavo Bortolini
FETRASNPAR

Rogério Mainardes
Fórum Permanente Futuro 10 Paraná

PROGRAMA DE ARRENDAMENTOS:
CONTRATOS VIGENTES COM VENCIMENTO NOS PRÓXIMOS 05 ANOS



PROPOSTA DO GOVERNO FEDERAL



A previsão do tempo pelos insetos

Pesquisa revela que mariposas, besouros e pulgões podem prever chuva

Por Hemely Cardoso



Cristiane Nardi, pesquisadora da Unicentro, ao lado, o “brasileirinho”



Você sabia que os insetos podem ajudar na previsão do tempo? Assim como a gente, eles também se protegem de uma situação de perigo. É o que revela um estudo da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), em parceria com a Universidade do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro), de Guarapuava, e com a University of Western Ontario, do Canadá. A pesquisa constatou que mariposas, besouros e pulgões podem prever tempestades através da pressão atmosférica. E quando o tempo está para mudar, os insetos ficam menos dispostos ao namoro e ao acasalamento. O estudo ganhou grande repercussão no mundo todo e já foi publicada nos sites de notícias das revistas americanas Science e Nature.

Cristiane Nardi, uma das autoras da pesquisa e professora de entomologia agrícola da Unicentro, explica que um grupo de sete pesquisadores observou besouros da espécie *Diabrotica speciosa* – conhecido como brasileiro ou patriota – pulgões-da-batata (*Macrosiphum euphorbiae*) e lagartas da pastagem (*Pseu-*

daletia unipuncta). Segundo Cristiane, eles mudavam de comportamento diminuindo a disposição de cortejar e acasalar quando ocorria uma queda na pressão atmosférica – um indicativo de que vem chuva por aí. “Demonstramos que os insetos, de fato, têm capacidade de detectar mudanças no tempo por meio da queda da pressão atmosférica, de se antecipar e buscar abrigo para se proteger das más condições climáticas, como temporais e ventanias, por exemplo”, justifica.

Durante dois anos, os cientistas se dedicaram ao estudo e os primeiros experimentos foram realizados na Esalq em Piracicaba. Na primeira etapa, eles mantiveram um rígido controle de suas observações, monitorando a pressão atmosférica em condições naturais (sem a manipulação da pressão).

Ao analisar os besouros, por exemplo, notaram que com a queda da pressão, os machos deixavam de dar tanta atenção ao feromônio da fêmea. Numa outra fase da pesquisa, pesquisadores da universidade do Canadá fizeram mais testes dentro de

uma câmara barométrica, um equipamento que controla a pressão do ar com precisão. “Dentro do aparelho, da mesma forma como ocorreu na primeira etapa, observamos que entre pulgões e mariposas, as fêmeas não se preocupavam em emitir feromônios sexuais durante quedas de pressão simulada”, conta o coordenador do estudo, José Maurício Simões Bento, da Esalq.

Esse comportamento, de acordo com ele, além de demonstrar uma enorme capacidade de adaptação dos insetos, reduz a possibilidade de lesões e morte já que são muito pequenos e vulneráveis a temporais, chuvas e ventanias. Ou seja, a reação é uma forma de perpetuar a espécie. Agora, quando quiser checar a previsão do tempo, basta observar o comportamento dos insetos. Se eles tiverem muito “assanhados”, é sinal de tempo bom.

As previsões dos animais

Assim como os insetos, os cientistas dizem que outros animais podem ser capazes de perceber mudanças químicas que ocorrem na água quando um terremoto está prestes a ocorrer. Esse fenômeno poderia explicar os estranhos comportamentos apresentados por animais em períodos que antecedem um tremor de terra. A equipe de cientistas, integrada por pesquisadores da Nasa, nos Estados Unidos, e da Open University da Grã-Bretanha, começou a investigar os efeitos químicos dos terremotos após observar uma colônia de sapos que abandonou a lagoa em que vivia na cidade de L'Aquila, na Itália, dias antes de um terremoto, em abril de 2009.



As conclusões dos cientistas foram publicadas na revista científica *International Journal of Environmental Research and Public Health*. Há milhares de relatos sobre pessoas que viram aves e outros animais migrando antes do surgimento de terremotos, maremotos e erupções vulcânicas. É o caso do filósofo alemão Immanuel Kant que, em 1755, observou uma multidão de minhocas saindo do subsolo perto de Cadiz, Sul da Espanha, oito dias antes do desastre atingir Portugal, provocando um grande terremoto em Lisboa.

Outro exemplo ocorreu no dia 25 de junho de 1966 quando a cidade de Parkfield, na Califórnia, Estados Unidos, foi invadida por cascavéis. A população não entendia por que os répteis fugiram das colinas, porém, a resposta chegou dois dias depois com um terremoto.

Reportagem divulgada pela rede inglesa BBC mostra que no dia 25 de agosto de 2011, os animais do zoológico de Washington pressentiram o terremoto que atingiu a cidade antes mesmo de o tremor que abalou a capital norte-americana ter ocorrido. A informação foi dada pelo próprio Parque Zoológico Nacional



Smithsonian. O zoológico informou que os animais anteciparam o tremor de magnitude 5,8. Os funcionários notaram várias mudanças nos comportamentos das espécies do zoológico. Cerca de cinco segundos antes dos tremores, a gorila Mandara soltou um guincho, recolheu o seu bebê, Kibibi, e foi com ele para o topo de uma árvore. Antes do terremoto, a orangotango Iris começou a fazer um ruído típico de quando sua espécie está extremamente irritada e continuou com esse som depois do tremor.



Samek: um choque de energia no Paraguai

Linha de transmissão de Itaipu pode transformar a economia paraguaia



Desde 6 de outubro está em operação o Sistema de Transmissão em 500 kV do Paraguai, um dos maiores projetos em tamanho e relevância para o setor energético paraguaio. Era também um antigo sonho dos nossos vizinhos, que, embora sejam donos de 7 das 14 turbinas de Itaipu, não tinham como levar a energia produzida ao seu país.

“Nos próximos 30 dias, serão realizados testes de confiabilidade do Sistema, que, após esse prazo, estará definitivamente integrado à rede de distribuição de energia da Administración Nacional de Electricidad (ANDE)”, diz com indistigável orgulho o diretor geral brasileiro da binacional, Jorge Samek, engenheiro agrônomo, que comanda a Itaipu desde 2003.

“Temos certeza de que esse empreendimento representa o limiar de uma nova era na eficiência energética para o país vizinho, que, a partir de agora poderá dobrar o aproveitamento da energia da Usina de Itaipu, aumentando, assim, significativamente a oferta atual de energia disponível em todo o Paraguai”, acrescenta.

Atração irresistível

Na verdade, além da oferta da energia, há outras atrações do outro lado da fronteira, o que foi percebido recentemente pela poderosa Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), que promoveu um evento sobre as oportunidades de investimentos no Paraguai.

A FIESP acenou com “as possibilidades de investir em produção com baixos custos tributários, energéticos, financeiros e trabalhistas, assim como acesso aos mercados do Brasil, Argentina e saída para o Pacífico. Facilidade para fazer negócios, infraestrutura e acesso a matérias-primas e insumos de todo o mundo”.

De fato, para os empresários brasileiros que enfrentam a volúpia tributária do governo brasileiro e os custos trabalhistas, o cenário paraguaio daria água na boca – não fosse o problema energético, que agora deixa de existir.

Os empresários também se espelham na opinião da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), que previu para o Paraguai, em 2013, o maior crescimento entre os países da América Latina, “com uma taxa de 12,5%”. Já o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial trabalham com uma estimativa que varia de 8% a 11%. A Cepal, contudo, lembrou “a necessidade de diversificar a estrutura produtiva da economia e aumentar a produtividade”.

Para buscar essa diversificação na economia, hoje baseada na agricultura (com 8 milhões de toneladas produzidas nessa safra, o país é o quarto maior exportador de soja do mundo), energia é fundamental.

Cerca de 550 milhões de dólares foram investidos na Subestação da Usina de Itaipu em Hernandarias, no Paraguai, construção da Subestação de Villa Hayes na região metropolitana da capital Assunção, além da instalação das 759 torres da linha de transmissão de 348 km entre as duas Subestações.

Os recursos vieram do Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (Focem). “Vencer esse gigantesco desafio em pouco mais de vinte meses foi possível somente graças à conjunção dos melhores esforços do corpo técnico da Itaipu Binacional e dos consórcios contratados para as obras”, reconhece Samek com bons motivos. Afinal Itaipu foi a grande escola de engenharia e de operação de hidrelétricas do país.

Recordes

A Usina de Itaipu começou a gerar energia em maio de 1984 e é, atualmente, a maior usina hidrelétrica do mundo em geração de energia. Com 20 unidades geradoras e 14.000 MW de potência instalada, fornece cerca de 17,3% da energia consumida no Brasil e 72,5% do consumo paraguaio. Itaipu produziu em 2012 um total de 98.287.128 megawatts/hora (98,2 milhões de MWh), quebrando seu próprio recorde mundial de produção de energia, que ocorreu em 2008, com a geração de 94.684.781 megawatts hora (MWh).

Royalties

A Itaipu paga royalties pelo aproveitamento dos recursos hídricos pertencentes aos dois países, desde 1985 os royalties são aplicados na melhoria da qualidade de vida da população, nas áreas de educação, saúde, moradia e saneamento básico.

No último dia 10 de outubro de 2013, a Itaipu efetuou mais um repasse ao Tesouro Nacional, no valor de US\$ 10,4 milhões ao Governo do Paraná e aos 15 municípios paranaenses que fazem divisa com o reservatório da Itaipu, destinam-se o equivalente a US\$ 7,9 milhões.

Município	Repasse atual	Acumulado desde 1985
Foz do Iguaçu	US\$ 771,7 mil	US\$ 286,8 milhões
Santa Terezinha de Itaipu	US\$ 160,2 mil	US\$ 59,5 milhões
São Miguel do Iguaçu	US\$ 347,6 mil	US\$ 141,6 milhões
Itaipulândia	US\$ 687,1 mil	US\$ 242,9 milhões
Medianeira	US\$ 4,4 mil	US\$ 1,6 milhão
Missal	US\$ 153,2 mil	US\$ 56,9 milhões
Santa Helena	US\$ 1.008,2 mil	US\$ 374,8 milhões
Diamante do Oeste	US\$ 21,5 mil	US\$ 7,9 milhões
São José das Palmeiras	US\$ 7,4 mil	US\$ 2,7 milhões
Marechal Cândido Rondon	US\$ 214,3 mil	US\$ 86,5 milhões
Mercedes	US\$ 73,9 mil	US\$ 26,1 milhões
Pato Bragado	US\$ 180 mil	US\$ 63,6 milhões
Entre Rios do Oeste	US\$ 125,8 mil	US\$ 44,4 milhões
Terra Roxa	US\$ 6 mil	US\$ 2,2 milhões
Guaira	US\$ 195 mil	US\$ 72,4 milhões
Mundo Novo (MS)	US\$ 56,2 mil	US\$ 20,8 milhões



Um mercado de 1,2 bilhão de pessoas

As novas chances de negócio com a Índia



Com uma população de 1,2 bilhão de pessoas, a Índia representa um mercado gigante para países produtores de alimentos como o Brasil. “Podemos ampliar as nossas relações com os indianos”, avalia o engenheiro agrônomo Robson Manfioletti, do Sistema Ocepar, que participou de viagem técnica ao país promovida pela Expedição Safra, do jornal “Gazeta do Povo”, de 19 a 31 de agosto.

Durante esse período, o grupo de técnicos e jornalistas percorreu os três grandes polos produtivos: Mumbai, Indore e Nova Deli. Segundo Manfioletti, a troca comercial entre os dois países pode ser ampliada com a importação de agroquímicos – a Índia é um dos principais fornecedores mundiais de fertilizantes e agroquímicos, produtos que o Brasil importa em grande escala. Outra forma de se aproximar dos indianos é exportar açúcar e óleo

de soja. Em 2012, o Brasil exportou US\$ 5,0 bilhões e importou US\$ 5,5 bilhões da Índia. “A gente pode fazer parcerias com as empresas indianas para aumentar a relação comercial entre os dois países”, sugere, acrescentando que hoje o maior entrave é a alta tarifa de importação dos indianos - 100%.

A Índia é o terceiro maior produtor de alimentos do mundo, com uma produção de 108 milhões de toneladas de arroz, 92 milhões de toneladas de trigo, 25,3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar e 8,1 milhões de toneladas de algodão. No setor de grãos, apesar da grande extensão do país (3.287.590 km²), a produção de soja e milho ainda é discreta. Na safra 2012/13, os agricultores indianos produziram 22,5 milhões de toneladas do cereal e 11 milhões de toneladas da oleaginosa, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Toda a

soja é convencional – o país não planta semente transgênica. Lá, um grande produtor tem uma média de 27 hectares e 90% das propriedades não têm mais que dois hectares.

No país onde a vaca é sagrada e a pouca carne que se come é de frango, quase 50% da população é vegetariana e 80% da religião hindu. As diferenças são gigantes na comparação ao Brasil seja por questões culturais, religiosas e também de tecnologia e desenvolvimento econômico e social. “A população vive um grande problema que é a falta de saneamento. A rúpia, moeda indiana, também está muito desvalorizada”, conta. Hoje 25 rúpias equivalem a R\$1 real. Por outro lado, a Índia é exemplo quando o assunto é infraestrutura. O país todo é cortado por uma malha ferroviária com 63.327 km2 e os portos são modernos.

Sequestro de vacas

Apesar de serem sagradas em terras indianas, as vacas se tornaram presas fáceis para gangues que sequestram e matam os animais para vender a carne e o couro. É o que revela a reportagem divulgada no último dia 17 de agosto pelo jornal americano New York Times.

Segundo a matéria, o roubo de gado, chamado na Índia de “levantamento”, é um flagelo crescente em Nova Deli à medida que indianos cada vez mais ricos desenvolvem um gosto pela carne, mesmo a carne de vacas, que são consideradas sagra-

das do hinduísmo. Criminosos arrebanham alguns dos cerca de 40 mil animais que perambulam pelas ruas da megalópole e os vendem aos matadouros ilegais localizadas em aldeias não muito distantes.

Muitas das vacas em Nova Deli são parte da ordenha de leite e seus proprietários não têm nem a terra nem o dinheiro para mantê-las. Assim, os animais pastam em gramados cobertos por lixo nas ruas da cidade. Outros, velhos demais para serem ordenhados, são muitas vezes abandonados e deixados a vagar pelas ruas até morrer - ou para serem pegos pelos ladrões.

A reportagem mostra que por trás desse roubo de gado está uma profunda mudança na sociedade indiana. O consumo de carne - frango, principalmente - está se tornando aceitável, mesmo entre os hindus. A Índia é hoje o maior produtor de leite do mundo, o maior produtor de gado e o maior exportador de carne bovina, tendo ultrapassado o Brasil no ano passado, de acordo com o USDA.

A carne de gado também é amplamente consumida pelos muçulmanos e os dalits, os cidadãos mais marginalizados da Índia. De fato, o consumo de carne está crescendo mais entre os pobres, as estatísticas do governo mostram que seu consumo cresceu 14% de 2010 a 2012. “As vacas agora não passam de negócios e dinheiro, não são mais religião. Elas são todas levadas para os matadouros. É terrível”, disse um cidadão indiano à reportagem.



Uma indústria chamada agricultura

* Mauricio Antônio Lopes



Em 1960, a pauta de exportações agrícolas do Brasil reunia cerca de 40 produtos e rendia US\$ 8,6 bilhões, em valores de 2012. Café em grão (63% da renda), cacau, açúcar demerara, algodão, madeira de pinho serrada, sisal, fumo, castanha do Pará, manteiga de cacau e cera de carnaúba eram os itens mais importantes. Soja, Milho e carne in natura eram exportações residuais. Não se exportava álcool, carne de frango ou suco de laranja.

Mesmo o café, apesar de já se usar insumos modernos, era, na maior parte do Brasil, uma Agricultura extrativista, com mínimo processamento e baixíssimo aporte tecnológico. O Brasil ensaiava a industrialização, com suas etapas de transformação intensivas em agregação de valor, e já cultivava o sentimento, com algum preconceito, de que era mais nobre e moderno exportar bens industrializados do que produtos básicos. Mas eram as exportações de produtos básicos que financiavam a modernização da economia.

De 1960 a 2012, a pauta de exportações do agronegócio cresceu: mais de 350 itens, quase US\$ 96 bilhões. Parte disso veio da venda de bens industrializados. Só farelo e óleo de Soja, açúcar, Etanol, celulose, papel e suco de laranja renderam US\$ 32 bilhões. Parte veio de bens primários: Soja, Milho, café cru, algodão em

pluma, fumo e carnes in natura renderam mais de US\$ 46 bilhões.

A multiplicação de itens e do valor tem a mesma explicação: densidade tecnológica. O desenvolvimento tecnológico da Agricultura ampliou a oferta de produtos tradicionais, como Milho e café, e adaptou, com sucesso, novos cultivos e criações, como a Soja, a maçã e o frango de granja. A modernização da agroindústria diversificou tanto o aproveitamento de matérias-primas, que hoje se exporta itens tão inacreditáveis como “resíduos de café” e “desperdícios de couro”, ou de algodão, ou de seda.

O crescimento

A principal mudança foi no processo de produção Agrícola, hoje tão diferente daquele de 1960, que perde sentido distinguir produto básico de produto industrializado. Um grão de café não é mais “extraído” da natureza. É construído, é industrializado. A planta e o animal são monitorados, pois são “usinas” processadoras. Sabe-se tanto sobre suas relações com o solo, a água, os insetos e os microorganismos, que a quantidade e a qualidade do grão e da carne são “contratadas” quando se decide que insumos usar. A Agricultura de agora é uma “indústria”.

É o que mostram estudos da Embrapa: o que causa 68% desse crescimento na produção Agrícola são os insumos industrializados, como fertilizantes, defensivos, catalisadores etc. Outros 22% resultam do trabalho realizado, boa parte por tratores, plantadeiras, colheitadeiras e ordenhadeiras. Ou seja, hoje, mais de 80% de cada grão ou gota de leite se devem a bens industrializados, com todo o valor agregado que eles carregam.

Cada tonelada de grão ou fibra vendida no país ou no exterior sustenta um bom pedaço da indústria de insumos, de Máquinas e Equipamentos, de embalagens, dos serviços de Logística de armazenagem e distribuição, e assim por diante. Cadeia produtiva é, pois, um conceito que explica melhor o valor de um produto, pois revela seu impacto na produção de outras riquezas.

O preço final nem sempre é boa métrica para aferir o valor agregado de um produto básico. Pois o esforço de melhoria tecnológica busca, sobretudo em bens como Soja ou Petróleo, reduzir o preço por unidade, para se ter menor impacto no custo final dos subprodutos e ampliar a demanda, compensando eventuais perdas.

No fundo, o que interessa é o saldo de riquezas que resulta da exportação de um bem. De pouco adianta exportar um bem industrializado, se sua produção consumiu insumos importados caros e o saldo comercial for deficitário. Por isso, é lucrativo

exportar produtos básicos. Sua densidade tecnológica gera saldos comerciais elevados. Desde 1990, as exportações industriais e de serviços brasileiras amargaram um déficit de US\$ 397,66 bilhões, a preços de 2012. A Agricultura acumulou um saldo positivo de US\$ 828,8 bilhões. De novo, financiou a indústria.

Não apenas por essa razão, países plenamente industrializados subsidiam sua produção e exportação agrícola. Os países sabem que, sem a garantia de alimentos e energia, não há segurança nacional. Guerras de conquistas de territórios sempre foram feitas para garantir comida e energia. A produção e exportação agrícola nutrem a paz. É intangível. Mas as pessoas sabem o valor agregado que isso tem.



* **Maurício Antônio Lopes,**
Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – Publicado no jornal Correio Braziliense

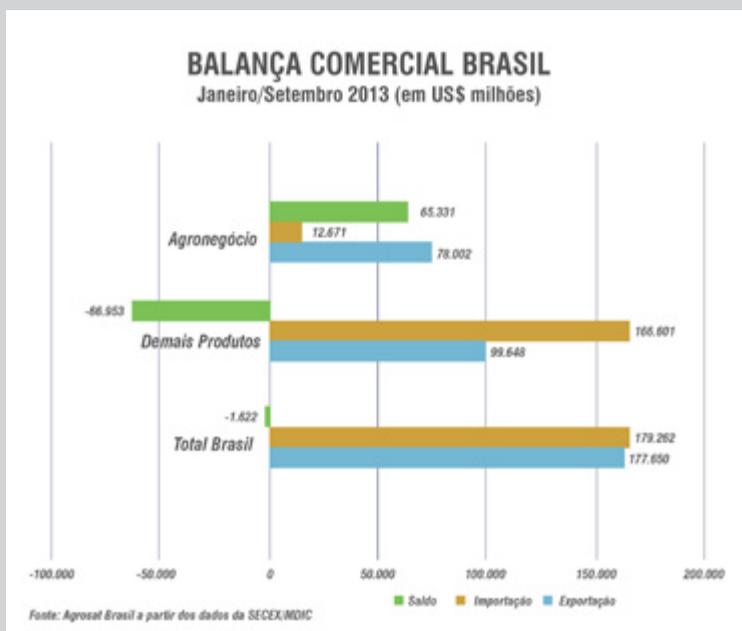
Quem segura a balança

Por Gilda Bozza - economista do DTE/FAEP

Há anos o agronegócio brasileiro que contribui com 25% do PIB e 43% das exportações brasileiras totais, vêm sustentando o saldo da balança comercial brasileira. O saldo da balança comercial é formado pela diferença entre as exportações e as importações do país.

No período janeiro a setembro de 2013, o saldo comercial brasileiro acumulou déficit de US\$ 1,62 bilhão (o maior déficit desde 1998, quando o saldo negativo ficou em US\$ 3,6 bilhões), enquanto o agronegócio gerou superávit de US\$ 65,3 bilhões, um resultado expressivo quando comparado ao déficit de US\$ 66,9 bilhões dos demais setores em igual período.

Ademais, apenas em setembro o superávit do agronegócio brasileiro foi de US\$ 7,6 bilhões, no entorno de 4,7 vezes maior do que o déficit total da balança, acumulado no período analisado. Consoante, estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) “é lucrativo exportar produtos básicos, haja vista que sua densidade tecnológica gera saldos comerciais elevados. Desde 1990, as exportações industriais e de serviços brasileiras amargaram um déficit de US\$ 397,66 bilhões, a preços de 2012. Já a agricultura acumulou um saldo positivo de US\$ 828,8 bilhões. De novo, financiou a indústria”.



A BR-376

Rodovia do Café



A BR-376 - Rodovia do Café

Um século depois de uma expedição chefiada pelos engenheiros alemães, José e Francisco Keller recomendar ao Imperador Dom Pedro II, que o melhor caminho entre o Oceano Atlântico e o Mato Grosso seria por território paranaense, foi inaugurada a Rodovia do Café.

Os alemães, em 1865, propunham que esse caminho partiria do litoral até o Rio Paraná na região acima de Porto Camargo.

Diversos estudos posteriores foram realizados no sentido de encontrar o melhor traçado para a chamada “Estrada de Mato Grosso”, através do Ivai, Tibagi e “sertões adjacentes”.

Curioso é que em 15 de abril de 1871, em pleno coração do que é hoje Curitiba, na rua 15 de novembro, entre as ruas Dr. Murici e Ébano Pereira, foi lançado o início da “Estrada

do Mato Grosso”. Revestida de macadame, se estendeu através de Campo Largo, Palmeira e Ponta Grossa.

A localização do Paraná, entre dois dos Estados mais desenvolvidos naquela época - Rio Grande do Sul e São Paulo, transformava nosso Estado em um mero corredor de passagem entre as regiões Norte e Sul. O sul paranaense tinha uma população rarefeita, Curitiba, por exemplo, em 1872, tinha apenas 12.651 habitantes.

Com a imigração e posterior migração interna, a região Norte foi atraindo exércitos de paulistas e mineiros, enquanto os gaúchos e catarinenses colonizavam o Oeste e Sudoeste. Esse cenário era traduzido por uma extrema fragilidade de vínculos paranistas diante das dificuldades de comunicação rápida e eficiente com Curitiba. Sinal disso foram manifestações de autonomia como o “Estado do Iguazu” ameaçando a integridade territorial do Estado.

Tradicional e o novo

Percebendo a gravidade, o então governador **Moisés Lupion** decretou caráter de urgência para estudos da nova rodovia, ressaltando a função integradora de uma rodovia que por seus mais de 500 quilômetros, desde a costa atlântica até as barrancas do rio Paraná uniria e solidificaria os dois Paranás — o tradicional e o novo. Até então só existia a estrada do Cerne, cheia de curvas, estreita e sem pavimentação, iniciada em 1935 e entregue cinco anos depois – a hoje PR 090.

Havia sido iniciado em 1944, em duas frentes de trabalho, os trechos Tibagi-Ortigueira e Apucarana-Ortigueira. Com a criação do DER em 1946, deu-se prosseguimento à construção no percurso Tibagi-Ortigueira-Apucarana, cuja obra em estágio inicial foi aberta ao tráfego em 1951, sem pavimentação.

Nesse ano o Plano Rodoviário de 1951 delineou os trechos básicos que integravam a Rodovia do Café e até sua diretriz definitiva com o percurso mais indicado ao escoamento das safras cafeeiras ao Porto de Paranaguá, várias alternativas foram aventadas.

A notícia da construção da Rodovia do Café causou grande impacto, na década de 1960. “A pavimentação asfáltica da Rodovia do Café exigiu cuidadosos estudos sobre a constituição geológica e o dimensionamento do pavimento, tendo em vista as características do terreno e a intensidade do tráfego pesado que a estrada deveria suportar como o principal eixo rodoviário do Estado”, relata histórico do DER paranaense.

A necessidade da rodovia era exemplificada pelo fato de que o escoamento das safras de café, perdia suas divisas para São Paulo, pois apenas 20% da safra cafeeira chegava ao porto de Paranaguá. Nosso vizinho que tinha estradas prontas, ligando o norte pioneiro até o porto de Santos, ficava com o restante. Em 1958, a Rodovia do Café tinha menos de 20 km pavimentados.

Estratégica

O asfalto da BR-376 – A Rodovia do Café, foi inaugurado, com pompa e circunstância no dia 25 de julho de 1965 pelo então governador **Ney Braga**. Em

comemoração houve duas corridas de automóveis de Curitiba até Apucarana, ida e volta.

A primeira foi vencida por Jaime Silva e Augusto Felice, com média horária de 154 km + 800m. A 2ª edição da prova automobilística num total de 792 km. sob chuva e neblina, a vitória foi do italiano radicado em Londrina, Ettore Beppe.

A importância da nova estrada se deve ao seu grau de abrangência, pois a sua diretriz diagonal leste-noroeste, atravessa quatro das sete regiões em que está dividido o Paraná. Estrategicamente planejada, ela se interliga com outros eixos rodoviários nacionais e estaduais, tornando-se no maior ponto de apoio do sistema regional de transportes do sul do país.

No final do ano de 1986, o governador José Richa inaugurou a nova pista da Rodovia do Café, a duplicação do trecho Spréa - Ponta Grossa, com uma extensão de 66,7 quilômetros. Hoje a duplicação se estende da capital até Ponta Grossa.

Além de ser um fator de integração da região noroeste e norte paranaense ao resto do Estado, a Rodovia possibilitava o intercâmbio da região sul-mato-grossense com o Paraná e outras áreas do país (Rio Grande do Sul, Vale do Itajaí etc.) e do exterior, pelos portos atlânticos de Paranaguá e Antonina. A importância da nova estrada, hoje conhecida como Rodovia do Café, se deve ao seu grau de abrangência, pois a sua diretriz diagonal leste-noroeste, atravessa quatro das sete regiões em que está dividido o Paraná. Estrategicamente planejada, ela se interliga com outros eixos rodoviários nacionais e estaduais, tornando-se no maior ponto de apoio do sistema regional de transportes do sul do país.

Com histórico do DER



Plantas medicinais e temperos

Por Katia Santos - Fernando Santos (Fotos)



O Paraná lidera a produção nacional de plantas medicinais, aromáticas e condimentares cultivadas respondendo por 90% da produção nacional numa área de 6 mil hectares. Por ano, são 36 mil toneladas envolvendo 1.300 pequenos agricultores. Em 2010 o Valor Bruto da Produção (VBP) dessa cadeia atingiu a cifra de 32 milhões de reais. O clima paranaense, que varia de subtropical ao temperado, aliado ao solo rico, permitem que sejam cultivadas mais de 80 espécies.

A Alemanha, maior centro de comércio de plantas medicinais, afirma que o Paraná tem todas as condições de ser líder desse mercado. A informação é do engenheiro agrônomo e coordenador estadual de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares da Emater, Cirino Correa Junior.

Ele comenta que quando começou acompanhar esse segmento há 30 anos haviam apenas 100 hectares cultivados com camomila, atualmente são mais de 3 mil. “Apesar da grande

produção brasileira ainda há déficit no abastecimento e importamos da Argentina, Egito e Eslováquia, cerca de 30% do consumo – aproximadamente 5 milhões de dólares/ano. É um mercado que cresce no Brasil mais de 12% ao ano”, diz.

Quando o produtor segue as orientações técnicas de manejo como o policultivo; rotação de culturas alternando folhas/flores e raízes e produção em faixas, consegue obter uma renda líquida de R\$ 17 mil reais por ano por hectare. “A atividade é considerada de alta rentabilidade e exige um produtor com perfil diferenciado com mão de obra e que conheça a cultura”, diz.

Correa orienta que, além do plantio o produtor precisa se organizar em associações ou cooperativas para montar uma infraestrutura para secagem, armazenagem e embalagem dos produtos. “Esse mercado trabalha com produtos secos e é o beneficiamento que garante a boa rentabilidade ao produtor”, completa.

O município da camomila

Na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), o município de Mandirituba lidera a produção de camomila do Estado. De acordo com o escritório da Emater, atualmente 100 famílias cultivam a planta em uma área de 1.200 hectares com produtividade média de 500 quilos por hectare, 30% dessas famílias possuem secador o que garante maior rentabilidade à produção.

A camomila é uma planta nativa da Europa que chegou ao Paraná pelas mãos dos imigrantes italianos, poloneses e ucranianos. “Hoje ela se apresenta como uma opção de rotação de cultura de inverno”, explica o engenheiro agrônomo da Prefeitura de Mandirituba Marcos Anton Dalla Costa.

Ele explica que os produtores conseguem fazer em cada safra de 2 a 3 cortes. Os compradores classificam a camomila em duas categorias: flor, que é o primeiro corte e mista.

A família Strugala uma das maiores produtoras de camomila do município já chegou a cultivar 194 hectares, hoje por conta da falta de mão de obra a área foi reduzida a 85 ha. “A produção começou com meu avô, seguiu com meu pai, que hoje tem 73 anos e agora eu, meu irmão Teófilo e meu filho Tiago tocamos a propriedade”, conta Mario Strugala.

Camomila X Salsinha

Mas a camomila está perdendo espaço para os temperos - salsinha e cebolinha. Alguns produtores estão fazendo a troca principalmente pela falta de mão de obra. Como foi o caso do produtor Bartolomeu Wernisk. “Até o ano passado plantamos camomila, mas como toco a propriedade com meus três filhos optamos pela salsinha

que tem colheita o ano inteiro e dá menos trabalho”, revela.

A área plantada na propriedade com salsinha é de 2,42 hectares, além do tempero, o produtor também cultiva feijão, milho e legumes de época. “Meus filhos apostam na diversificação e com a salsinha temos renda garantida o ano inteiro”, finaliza.

O escritório local da Emater recebeu a visita de empresários da Itália e Alemanha interessados em conhecer a qualidade da salsinha e cebolinha de Mandirituba. “Eles levaram amostras de alguns produtores para serem analisadas e demonstraram grande interesse”, conta o técnico agrícola Silvio Galvan.

Galvan explica que em Mandirituba a área plantada de salsinha (121 hectares) é cinco vezes maior que a da cebolinha (24 hectares). “Mas esses números aumentam todo mês. Atendo semanalmente aqui na Emater produtores de batata e fumo que querem migrar para a linha de temperos, como o financiamento para a compra dos equipamentos é garantido e acessível eles estão investindo”, finaliza.

Financiamentos

O produtor rural que quiser ingressar na atividade tem mecanismos de financiamento, o Pronaf Custeio para financiamento do plantio e o Pronaf Investimentos para construção de galpões, compra de equipamentos para secagem e embalagem dos produtos. O coordenador da Emater recomenda que o investimento em um centro de beneficiamento seja feito em grupo ou por meio de uma associação ou cooperativa de produtores.

“Eu diria que o maior problema na produção de ervas medicinais é a falta de organização dos produtores”, afirma Correa Junior. Ele explica que o mercado comprador é composto por 600



Bartolomeu com a mulher Rosa e a neta Maria



Há três gerações a família Strugala produz camomila

empresas, que não vão comprar de um único fornecedor isolado, eles querem volume, garantia de entrega e produto finalizado (embalado). “Fica muito caro para um produtor, que está iniciando na atividade adquirir os equipamentos e montar um centro de beneficiamento. Além do que ele precisa garantir a entrega, ou seja, o volume de produção, por isso o associativismo nesse segmento é essencial”.

Outra orientação do coordenador da Emater é a questão da garantia de comercialização. O produtor deve iniciar o cultivo em pequenas áreas da sua propriedade fazendo testes com espécies e encaminhando essas amostras para possíveis compradores. Quando ele fechar o contrato aí que deve iniciar a produção no campo.

O cultivo de plantas medicinais, aromáticas e condimentares é orgânico, o que exige do produtor certificação. No Paraná, essa certificação pode ser obtida através de empresas que fazem certificação da produção orgânica como o Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar) e o Ecocert Brasil. A Emater também emite uma ficha agrônoma dando as características de manejo, produção e armazenagem. “Essa ficha ajuda o produtor na hora da comercialização, pois o comprador tem a garantia que a produção está sendo acompanhada por um atendimento técnico”.

Fiscalização

O Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura CREA-PR é o órgão responsável pela fiscalização do plantio e beneficiamento (secagem e modificação do produto) das plantas medicinais. Além desses itens, o conselho também fiscaliza e orienta os produtores em relação a presença de um engenheiro agrônomo ou técnico agrícola na propriedade.

Além de atacadistas, ervanários e farmácias de manipulação, o mercado de plantas medicinais também está associado a indústrias diversas, como a farmacêutica, de cosméticos e perfumaria, de alimentos e bebidas, entre outras.

As fiscalizações do CREA apontam que apesar do Estado ser o principal produtor, ainda falta assistência técnica para que os agricultores aprimorem as culturas. “Independente se in natura ou processadas, é de fundamental importância que as plantas medicinais comercializadas atendam a padrões de qualidade, de forma que suas propriedades terapêuticas e aromáticas sejam asseguradas, além de estarem livres de contaminação por impurezas”, explica o engenheiro agrônomo do Departamento de Fiscalização (DEFIS) da Regional do CREA-PR de Maringá, Eduardo Ramires.

Números sobre o mercado internacional de plantas medicinais e condimentares

- Por ano o setor movimenta R\$ 60 bilhões de dólares;
- A produção anual é de 400 mil toneladas;
- O setor tem um crescimento de 7% a.a.;
- São consumidas 3 mil espécies e apenas 900 estão em processo de cultivo.

**Fonte: Dados compilados pela Emater de relatório da FAO*



Trabalho nas alturas

SENAR-PR treina instrutores em segurança do trabalho



Reparos em telhados, consertos elétricos, manutenção de calhas, serviços de solda e pintura. Esses são alguns dos exemplos de atividades que precisam ser desempenhadas periodicamente em galpões, armazéns, usinas e silos que exigem não apenas o conhecimento, mas condições técnicas de segurança do trabalhador para executá-las. As exigências estão definidas nas Normas Regulamentadoras (NR) 33 – Espaço Confinado e 35 – Trabalho em Altura do Ministério do Trabalho e Emprego.

Para adequar os cursos de Trabalhador na Segurança no Trabalho – NR 33 e NR 35 à nova legislação, o SENAR-PR ofereceu uma capacitação para 12 instrutores. O treinamento foi feito em parceria com a empresa Altiseg - segurança em altura, no período de 07 a 11 de outubro, em Curitiba.

“O SENAR-PR está sempre na vanguarda das mudanças das diversas áreas de trabalho que envolvem a agricultura e o agronegócio, para garantir o acesso do produtor e do trabalhador rural às técnicas e equipamentos mais modernos”, diz o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli.

A capacitação dos instrutores teve carga horária de 40 horas, sendo 16 horas dedicadas ao Espaço Confinado e 16 horas para Trabalho em Altura. “O último dia de capacitação foi destinado ao levantamento dos materiais necessários para os cursos a campo e para inserção de conceitos pedagógicos, como a importância do planejamento da aula e do uso de recursos e técnicas instrucionais”, explica Néder Maciel Corso, técnico do SENAR-PR responsável pelos cursos da área de Segurança no Trabalho.

“O curso é bem elaborado, prático, aplicável e de fácil absorção pelo trabalhador. A nova norma incorpora novos equipamentos de segurança e traz um roteiro de trabalho fazendo o empregado se envolver com o planejamento, a organização e a execução da atividade”, diz o instrutor e técnico em Segurança no Trabalho e instrutor Marcelo Silveira, que atua na área há 10 anos e que participou do treinamento.

Silveira comenta que o novo texto da NR 35 aborda a Síndrome de Suspensão Inerte – uma doença nova causada pela suspensão do trabalhador pelos equipamentos de segurança. A

legislação orienta que nesses casos o tempo de suspensão deve ser reduzido ao máximo. Se a posição em suspensão for frontal o tempo máximo antes de começar a coagulação do sangue varia de 5 a 7 minutos, se for dorsal o tempo varia de 15 a 40 minutos.

“Tudo depende do porte físico e peso do indivíduo. Essa suspensão interrompe a oxigenação no sangue o que causa a coagulação do sangue e resulta em consequências cardíacas, pulmonares e encefálicas. Todo esse processo foi abordado e muito bem explicado no curso, inclusive as medidas preventivas para que os acidentes sejam evitados”, completa.

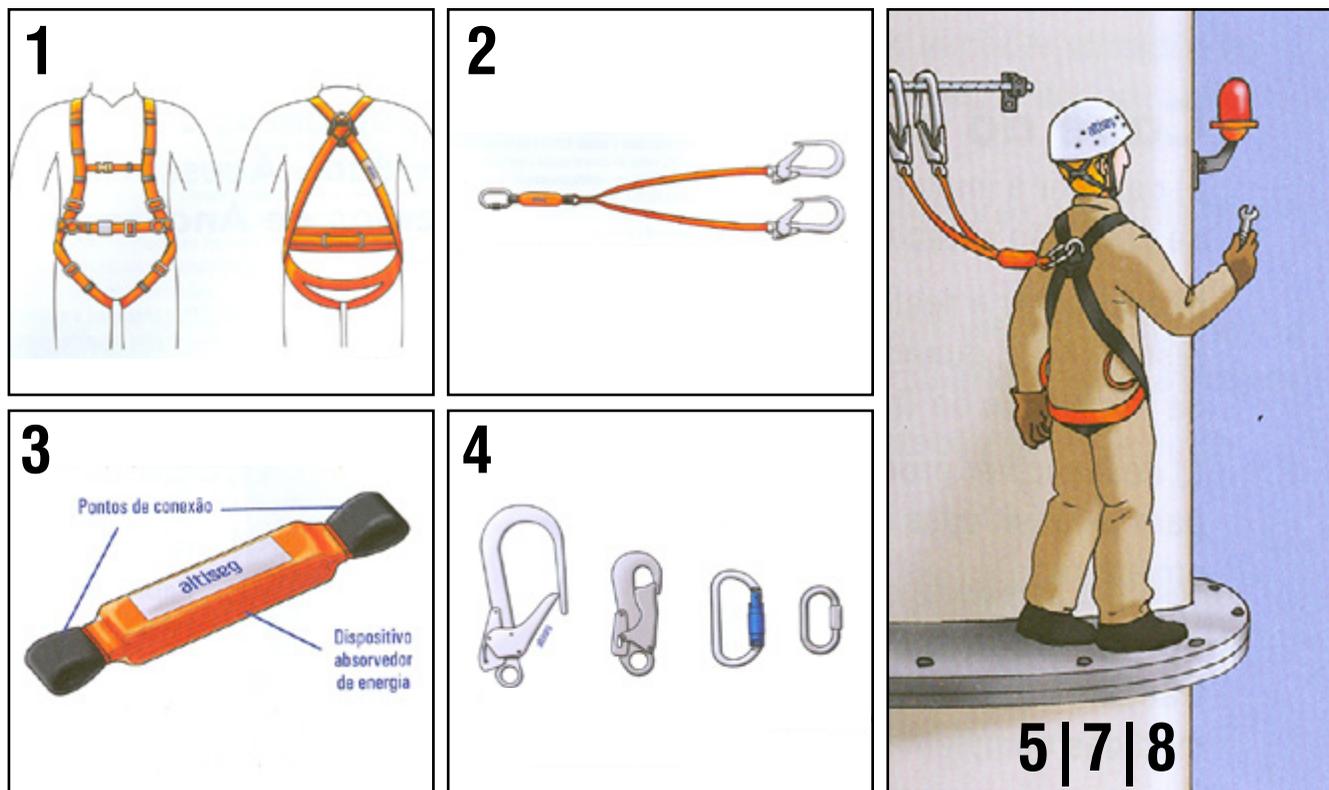
Participaram do curso instrutores das cidades: Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Guarapuava, Irati, Maringá, Palmeira, Pato Branco, Rondon, Telêmaco Borba e Umuarama.

Equipamentos de segurança

O produtor rural, cooperativa ou empresa rural que precisar contratar um funcionário para executar tarefas em altura precisa cumprir algumas exigências e adquirir equipamentos de segurança. É importante que o empregador saiba que a legislação considera trabalho em altura toda atividade executada acima de dois metros do nível inferior. Estão entre as responsabilidades do empregador especificadas na norma: garantir treinamento específico ao trabalhador; assegurar a realização da Análise de Risco (AR); e quando aplicável, a emissão da Permissão de Trabalho (PT).

Veja os nove itens essenciais para a execução em segurança do trabalho em altura relacionando a listagem com a ilustração:

- 1) Cinto de Segurança** tipo paraquedista e dotado de dispositivo para conexão em Sistema de Ancoragem. Esse sistema é composto de componentes definitivos ou temporários dimensionados para suportar impactos de queda e onde o trabalhador pode conectar seu Equipamento de Proteção Individual (EPI);
- 2) Talabarte duplo em “Y”** de posicionamento com absorvedor de energia. Existem vários modelos de talabarte, que é um dispositivo trava-quezas que deve ser fixado acima do nível da cintura do trabalhador;
- 3) Absorvedor de energia** – Esse equipamento incorpora o mesmo conceito de construção dos carros de Fórmula 1 e dos veículos de passeio. Ele é desenhado para dissipar o impacto durante uma queda. Quando a instalação do local de trabalho tiver uma “Linha de Vida” (cabos de aço ou cordas fixados vertical ou horizontalmente na estrutura física, onde o trabalhador acopla um trava-quezas removível e se locomove em segurança);
- 4) Óculos de segurança;**
- 5) Capacete sem viseira**, com furos de ventilação e ganchos para acoplar lanterna;
- 6) Conectores ou Mosquetões** – dispositivos feitos com metal de alta resistência que abrem e fecham;
- 7) Luvas;**
- 8) Botinas;**
- 9) Corda semi-estática.**





Altiseg primeira a ter selo do Inmetro

O bairro do Boqueirão, em Curitiba, abriga inúmeras fábricas de confecção. Uma delas é a única no ramo que conquistou a titulação 'máxima segurança em altura' junto a uma das instituições mais conceituadas de certificação do País - o Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro). Há 25 anos no mercado a fábrica da Altiseg iniciou sua produção com itens esportivos como barracas, mochilas, cintos de segurança etc.

Hoje, a empresa emprega cerca de 150 funcionários entre a fábrica e o Centro de Treinamento em Altura, produz mais de 500 itens específicos para trabalho em altura, vende para todo Brasil e tem filial em São Paulo. São curiosas as exigências de fabricação desses equipamentos, que salvam vidas e garantem a segurança dos trabalhadores.

Os cintos de segurança são fabricados com fitas de poliéster de um parceiro nacional, mas os fios que tem alta resistência são importados. Para cada equipamento existe uma norma e exigência específicas. Todos os produtos são testados por um laboratório (Falcão Bauer de São Paulo), autorizado pelo Inmetro e o Ministério do Trabalho e Emprego.

Todos os cortes são feitos a quente para evitar que as fitas desfiem. Os produtos são costurados com fios de cores diferentes - um cinto da cor preta é costurado com linha da cor laranja e vice-versa - para que o usuário possa identificar com facilidade danos e desgastes ao longo do tempo. Essa também é uma exigência legal.

As agulhas das máquinas tem ponta redonda, pois a

agulha não pode cortar as fibras das fitas. As máquinas de costura são eletrônicas com programas determinados. Isso garante a mesma quantidade, espessura e tamanho dos pontos executados em cada produto.



NOVOS CURSOS

O produtor rural que quiser participar dos cursos deve procurar o sindicato rural que atende a sua cidade e verificar a disponibilidade.

NR 33 – Espaço confinado trabalhador e vigia (16 horas)

NR 33 – Espaço confinado atualização (8 horas)

NR 35 – Trabalho em altura – agroindústria (16 horas)

NR 35 – Trabalho em altura – atualização (8 horas)

32 bilhões de litros

Região Sul é destaque positivo e Norte e Nordeste são destaques negativos.

Por Maria Silvia Cavichia Digiovani

Divulgado na primeira quinzena desse mês pelo IBGE, o resultado da produção nacional de leite em 2012 aponta um crescimento da ordem de 0,64%, totalizando 32,3 bilhões de litros. Dentre todas, a região Sul teve o crescimento mais robusto em relação ao ano passado: cresceu 4,75%, quase o dobro do crescimento registrado pela região Sudeste, a 2ª colocada, com

2,45%. Nos Estados da região Sul, Santa Catarina apresentou o maior aumento de produção, com 6,86%, seguida pelo Rio Grande do Sul com 4,20% e pelo Paraná com 3,85%.

Ver no quadro abaixo a produção de cada Estado e a variação % de produção

IBGE - Produção de leite em 2011 e 2012 - (em mil litros)

	2011	2012	% crescimento
Brasil	32.096.214	32.304.421	0,64
Rondônia	706.647	716.829	1,42
Acre	42.254	42.732	1,12
Amazonas	52.033	48.165	-8,03
Roraima	7.012	8.794	20,26
Pará	590.551	560.916	-5,28
Amapá	9.481	10.996	13,78
Tocantins	267.305	269.883	0,96
Maranhão	386.673	381.637	-1,32
Piauí	89.119	85.103	-4,72
Ceará	464.596	461.662	-0,64
R. G. do Norte	243.249	198.052	-22,82
Paraíba	237.102	142.546	-66,33
Pernambuco	953.230	609.056	-56,51

	2011	2012	% crescimento
Alagoas	238.249	245.647	3,01
Sergipe	315.968	298.516	-5,85
Bahia	1.181.339	1.079.097	-9,47
Minas Gerais	8.756.114	8.905.984	1,68
Espírito Santo	451.294	456.551	1,15
Rio de Janeiro	499.515	538.890	7,31
São Paulo	1.601.220	1.689.715	5,24
Paraná	3.815.582	3.968.506	3,85
Santa Catarina	2.531.159	2.717.651	6,86
R. G. do Sul	3.879.455	4.049.487	4,20
Mato G. do Sul	521.832	524.719	0,55
Mato Grosso	743.191	722.348	-2,89
Goiás	3.482.041	3.546.329	1,81
Distrito Federal	30.000	24.610	-21,90

O gráfico a seguir mostra os 7 estados brasileiros que produziram mais de 1 bilhão de litros de leite em 2012

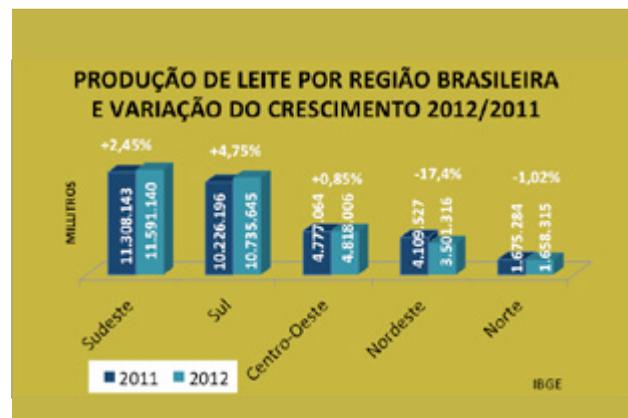


Os melhores índices de crescimento de produção verificaram-se em Roraima (+20,26%) e Amapá (+13,78%). São Estados pouco representativos na produção de leite e esse crescimento é feito sobre bases muito baixas de produção, haja vista que o município de Irati, no Paraná, classificado com a 130ª produção do Estado, produz o mesmo volume que o estado de Roraima. O Amapá tem produção semelhante ao município paranaense de Boa Esperança do Iguaçu, 106º produtor do estado em volume de leite.

Nas regiões Nordeste e Norte o desempenho foi negativo de -17,4% e -1,02% respectivamente, como reflexo da estiagem que esgotou as reservas de água e devastou as pastagens, associada ao ataque de cochonilha que dizimou a produção de palma,

principal alimento dos rebanhos nordestinos na época de estiagem. Paraíba e Pernambuco tiveram a produção reduzida em mais de 50%.

O gráfico a seguir destaca o desempenho da produção de leite nas 5 regiões brasileiras



O Paraná

Permanecendo em 3º lugar no ranking dos maiores estados produtores, o Paraná produziu 3,97 bilhões de litros de leite em 2012.

Ver no mapa a distribuição da produção de leite nas 7 regiões paranaenses



O gráfico acima mostra as produções dos 15 municípios que mais produziram leite no Paraná em 2012.

Interessante notar que a soma do volume produzido por esses municípios, 1.135.792 milhão de litros, é maior que a produção da Bahia que é o 7º estado maior produtor de leite do Brasil.



Dentre os 20 maiores produtores nacionais, 4 são do Paraná: Castro, o maior produtor, Carambeí, Marechal Cândido Rondon e Toledo. A tabela abaixo mostra o ranking e a produção em mil litros.

1º	Castro PR	226.800	11º	Concórdia SC	97.318
2º	Patos de Minas MG	150.089	12º	Catalão GO	93.500
3º	Morrinhos GO	144.150	13º	Mal. Cândido Rondon PR	93.398
4º	Jataí GO	141.723	14º	Passos MG	91.038
5º	Carambeí PR	129.600	15º	Prata MG	90.590
6º	Piracanjuba GO	123.280	16º	Uberlândia MG	90.270
7º	Ibiá MG	117.584	17º	Paracatu MG	85.840
8º	Unai MG	115.000	18º	Curvelo MG	85.208
9º	Patrocínio MG	111.892	19º	Pompéu MG	84.235
10º	Coromandel MG	111.207	20º	Toledo PR	83.295

Dois milhões de toneladas

FAEP pede apoio à comercialização de milho



O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou aos Ministérios da Agricultura, Casa Civil, do Desenvolvimento Agrário, Planejamento e Fazenda, pedido de apoio para a comercialização de 2 milhões de toneladas de milho.

Ao justificar a solicitação, Ágide relata que com a oferta mundial maior, estimativa de estoques finais elevados e com o aumento da produção nacional, apesar de reduções na produtividade da segunda safra, o cenário atual para comercialização de milho é de preços médios abaixo do esperado.

Além disso, no Paraná, o preço recebido pelos produtores está em média entre R\$16,50 e R\$ 17,50 por saca de 60 kg, mas já há registros de negócios abaixo de R\$ 16,00. O preço atual está abaixo do custo operacional de produção, calculado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) de R\$ 20,41 por saca e abaixo do Preço Mínimo de Garantia fixado em R\$ 17,67 por saca, aliás, valor defasado que não reflete o custo de produção calculado pela CONAB.

“A comercialização segue lenta em relação aos anos anteriores, com 35% do produto da segunda safra comercializado até setembro abaixo do ritmo de comercialização das safras anteriores,

que para o mesmo período estava acima de 50%”, lembra o presidente da FAEP. Restam ainda 10% do produto da primeira safra a serem comercializados, conforme dados da Seab.

Com preços baixos e sem perspectivas de recuperação, os produtores estão desestimulados e devem reduzir a área de plantio do cereal na safra de verão. Segundo a SEAB, a área de cultivo no Paraná deve reduzir 20% com estimativa de redução na produção de 18%.

Assim, pondera Ágide, “solicitamos o apoio à comercialização de 2 milhões de toneladas de milho no Paraná da seguinte forma:

- Incluir o Paraná nos leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (PEPRO) com apoio de 1 milhão de toneladas para o Estado do Paraná, conforme os leilões já realizados no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás;
- Apoiar a comercialização de 1 milhão de toneladas no Paraná com leilões de Prêmio para Escoamento do Produto (PEP);
- Rever na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) o preço mínimo de R\$ 17,67 estabelecido para a região Sul, considerando que no Paraná o custo calculado pela Conab registra R\$ 20,41 por saca de 60 kg.

Defesa do Paraná

Prezados componentes do setor de Redação e Revisão do Boletim Informativo da FAEP.

Gostaria de registrar meus cumprimentos a toda equipe pela matéria "Afinal, o que Brasília tem contra o Paraná?", veiculada no informativo 1236, de 07/10/2013 a 13/10/2013. A questão é de salutar importância para o Estado do Paraná, e demonstra o descaso que o governo federal tem com nosso Estado.

O impacto que tais medidas poderão surtir sobre as cooperativas é preocupante, e deve, de fato, colocar em

alerta todos os setores da sociedade, inclusive Poder Judiciário e Ordem dos Advogados do Brasil. Parabéns pela matéria.

Mário Márcio Moura - Advogado

Maringá - Paraná

Comercialização do milho

Tomei conhecimento, caro presidente Ágide, do conteúdo do ofício tratando do apoio à comercialização de milho no Paraná, revelando a dramática situação em que vivem os nossos produtores do cereal e dos caminhos que a

FAEP preconiza para atenuar o grave prejuízo que eles irão sofrer. Como sempre, a FAEP pode contar com todo meu empenho com vistas à solução do problema. Com meu abraço

Álvaro Dias, senador

Soro

Chegou hoje meu exemplar impresso... Muito boa a matéria sobre o soro do leite de autoria de Kátia Santos.

Marcelo Corassa | Timeagro Brasil

Notas



No ar, o Núcleo de Irati

Para alcançar seu público em 14 municípios (250 mil habitantes, 110 mil na área rural) e ampliar seus serviços, o Núcleo dos Sindicatos Rurais da região de Irati, lançou um programa semanal de 10 minutos, transmitido por sete emissoras regionais. Além de Irati, compõem o núcleo os municípios de Fernandes Pinheiro, Guamiranga, Imbituva, Inácio Martins, Mallet, Paula Freitas, Paulo Frontin, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, São João do Triunfo, São Mateus do Sul e Teixeira Soares.

Mesaque Kecot Veres, presidente do Sindicato Rural de Irati, principal mentor da ideia, batizada de "Programa do Agronegócio", explica que a escolha do nome do programa ocorreu "porque envolve todos os negócios da agropecuária, tanto para o nosso pequeno agricultor, para o médio, para o agricultor familiar, como enfim, para todos os agricultores da nossa região".

O conteúdo comporta desde o cronograma de cursos do SENAR-PR (que são mais de 200), o Código Florestal, royalties da soja, qualidade dos fertilizantes, como está a nossa infraestrutura - desde as estradas rurais até as estradas dentro das propriedades - as rodovias municipais, estaduais e federais, até informações sobre armazenagem, PRONAF, seguro agrícola, e demais matérias pertinentes ao produtor rural.

Comissão de Grãos da FAEP

No último dia 17, a Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP esteve reunida em Guarapuava, durante a realização do Winter Show evento de cereais de inverno (cevada, trigo, triticale, aveia e canola). Os integrantes fizeram uma rodada de informações sobre a conjuntura de plantio e colheita nas regiões do Paraná.

Os integrantes da Comissão de Grãos demonstraram preocupações com várias questões relacionadas ao trigo:

Falta de sementes para a próxima safra - “Essa escassez de produção de sementes de trigo foi causada pelas fortes geadas que atingiram o Paraná. Os produtores vão encaminhar pedido ao Ministério da Agricultura solicitando que o problema

seja resolvido com campos emergenciais”, comenta o economista e coordenador do Departamento Técnico e Econômico da FAEP, Pedro Loyola, que assessora a comissão.

Baixos preços do milho - “Quem planejou o plantio de verão até março desse ano e adquiriu insumos até esse mês vai conseguir manter o plantio, mas quem não fez esse planejamento antecipado vai investir na soja pela boa rentabilidade”, finalizou Loyola.

Validadas as “Propostas de Políticas para as Culturas de Inverno/Trigo”, o presidente da Comissão de Grãos, Ivo Arnt Filho afirmou que “o aumento e garantia do preço mínimo ao trigo e garantia de recursos para que o governo possa intervir no mercado caso as cotações fiquem abaixo do preço mínimo”.

O documento final com as propostas da FAEP, Ocepar e SEAB/PR será encaminhado para o governo federal ainda em outubro. O grupo segurador BB/Mapfre também fez uma apresentação sobre as opções de seguro de produção e de faturamento para o cultivo de grãos.

Informe

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 31/07/2013



HISTÓRICO/CONTAS

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS /BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-		138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44		21.821.418,51		2.341.952,64	-	28.460.804,21
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80		2.303.585,11		181.518,99	-	14.655.991,94
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48		2.269.212,60		-	-	6.093.747,23
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78		94.024,29		-	-	171.347,07
Setor Ovinos e Caprinos	123,76			9.335,19		-	-	15.173,80
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50		116.489,98		-	-	200.497,89
Pgto. Indenização Sacrifício Animais *	-	-		-		*141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-		-		-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	*141.031,00	-		-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	141.031,00	26.752.746,77	**542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	49.519.994,71
SALDO LÍQUIDO TOTAL								49.519.994,71

NOTAS EXPLICATIVAS

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00 | 13º - 17/12/2012 >> R\$ 6.763.182,00 | 14º - 06/08/2013 >> R\$ 4.624.105,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da subconta do Setor de Bovídeos e creditado para subconta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

CONSELHO PARITÁRIO PRODUTORES/INDÚSTRIAS DE LEITE DO ESTADO DO PARANÁ – CONSELEITE–PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 10/2013

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 15 de Outubro de 2013 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em Setembro de 2013 e a projeção dos valores de referência para o mês de Outubro de 2013, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes. Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada “Leite CONSELEITE IN62”, que se refere ao leite analisado que contém 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil células somáticas/ml e 600 mil ufc/ml de contagem bacteriana.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - SETEMBRO/2013

Matéria Prima	Valor projetado em setembro/2013	Valor Final setembro/2013	Diferença (final-projetado)
Leite CONSELEITE IN62**	0,9269	0,9198	-0,0071

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” corresponde ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - SETEMBRO/2013 E PROJETADOS PARA OUTUBRO/2013

Matéria Prima - Valores finais	Valor final setembro/2013	Valor projetado outubro/2013	Diferença (projetado-final)
Leite CONSELEITE IN62**	0,9198	0,8992	-0,0206

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” correspondem ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de Outubro de 2013 é de R\$ 1,6791/litro.

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 15 de outubro de 2013

RONEI VOLPI Presidente

WILSON THIESEN Vice - Presidente

MARIALVA



Panificação

O Sindicato Rural de Marialva realizou em setembro o curso de Produção Artesanal de Alimentos – panificação. Participaram do curso 10 produtoras rurais. As aulas aconteceram na cozinha industrial do sindicato com a instrutora Celeste Oliveira Mello.

ASSIS CHATEAUBRIAND



Classificação de grãos

O SENAR-PR ofereceu no período de 16 a 20 de setembro no Centro de Treinamento Agropecuário de Assis Chateaubriand, o curso de Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal - classificação de grãos milho, soja, trigo e feijão. O destaque do curso é para o novo padrão de milho - IN MAPA 60/11, que entrou em vigor em 01 de setembro, quando os produtores puderam conhecer o novo conceito do defeito Ardido. A instrutora foi Ivonete Rasera.

MAMBORÊ



Manejo e ordenha

O Sindicato Rural de Mamborê, a Emater e a Prefeitura ofereceram de 16 a 20 de setembro, totalizando 28h o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite – manejo e ordenha. Participaram do curso com carga horária de 28 horas, 15 produtores rurais. O instrutor foi Marcos César Pereira.

ARAPOTI



Pá carregadora

O Sindicato Rural de Arapoti, a Prefeitura e a Cooperativa Capal realizaram de 16 a 20 de setembro o curso de Trabalhador na Operação e na Manutenção de Carregadoras - pá carregadora (carregadora sobre rodas). Participaram do curso oito trabalhadores rurais com o instrutor Luís Cristiano Heffko.

GUAPOREMA



Gestão de pessoas

Na extensão de base do Sindicato Rural de Rondon na cidade de Guaporema, foi realizado o Programa Mulher Atual com a instrutora Patricia Pires Dagostin. Durante o curso, foram confeccionadas Bonecas de pano que foram entregues na creche e no Centro de Referência em Assistência Social de Guaporema. com material doado pelas participantes do evento.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS



Meliponicultura

No período de 24 a 27 de setembro o Sindicato Rural de São José dos Pinhais e a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, ofereceram o curso Trabalhador na Meliponicultura - abelhas Indígenas sem ferrão. Com 32 horas de duração, o curso teve a participação de 12 produtores rurais e foi ministrado por Hermes Neri Palumbo.

COLORADO



Posse

No dia 18 de setembro foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Colorado. Foram eleitos: José Getúlio Assoni Rocco como presidente; Pedro Versali e Mauro Heji Omori como vice-presidentes; Luiz Antônio Giglioti como secretário e Leones Mochi como tesoureiro.

UBIRATÃ



Geleias e doces

O Sindicato Rural Patronal de Ubitatã realizou nos dias 23 e 24 setembro o curso de Produção Artesanal de Alimentos - conservação de frutas e hortaliças - geleias, doces de corte e doces pastosos no distrito de Yolanda. No encerramento as participantes fizeram almoço e degustaram doces produzidos durante o curso. O evento aconteceu em parceria com Associação de Mulheres do distrito de Yolanda e a instrutora foi Herta Radecki.

Como os radares podem te pegar

1 - A velocidade é calculada por dois ou três sensores no asfalto. Quando um carro passa por cima, eles enviam sinais para o computador. Medindo o tempo entre os pulsos e dividindo-o pela distância entre os sensores, encontra-se a velocidade do carro; 2 - Os sensores estão ligados à câmera. Quando acusam alta velocidade, ela é acionada. Os modelos digitais tiram fotos de 640 x 480 pixels e possuem um programa que identifica a placa dentro da foto. Eles utilizam um sistema de reconhecimento para identificar cada caractere; 3 - As imagens são criptografadas com informações como data, velocidade e local. Elas só podem ser visualizadas por um programa com a chave certa. O material é enviado via modem celular ao órgão de trânsito para um software de análise.

Longa vida

Longevidade parece ser uma característica das rainhas inglesas. A Rainha Vitória viveu 82 anos e reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901. Ela subiu ao trono quando seu tio Guilherme VI morreu sem deixar herdeiros. Foi coroada muito jovem, aos 18 anos. No seu período, o Império Britânico se transformou na maior economia do mundo com súditos de colônias em todos os cantos do mundo. A atual Rainha Elisabeth comemorou 60 anos como majestade em junho passado e está com 87 anos (21 de abril de 1926).



Alto mar

A ilha de Trindade foi descoberta em 1501 pelo navegador português João da Nova e leva esse nome em homenagem à Santíssima Trindade. Tem 10,4 km quadrados e nela o pico do Desejado é o ponto mais elevado do Atlântico Sul (600m). A ilha da Trindade está localizada à 1.200 km em linha reta da cidade de Vitória, no Espírito Santo e é o território mais ocidental do país. É um verdadeiro paraíso proibido e perdido. A marinha cuida da ilha.



Tesouras

O primeiro modelo de tesoura surgiu na Europa há cerca de 5 mil anos e tinha as lâminas unidas por uma mola. Na Roma antiga, assim como na China, no Japão e na Coreia, os artesãos utilizavam tesouras de eixo de bronze ou de ferro. O uso doméstico se iniciou no século XVI. A partir de 1761, com a manufatura de tesouras de aço pelo inglês Robert Hinchliffe, o utensílio tornou-se realmente popular.



Cultura inútil

- O nome próprio mais comum no mundo é Mohammed.
- Marco Polo trouxe da China o espaguete.
- Os cangurus não conseguem andar para trás.
- Todos os porcos-espinhos flutuam na água.
- Há mais galinhas e frangos do que pessoas no mundo. Os frigoríficos que o digam.

Churrascão

Para ocasiões especiais, alguns povos do deserto preparam um assado de camelo recheado com um carneiro, que é recheado com um frango, que é recheado com peixe, que é recheado com ovos. Não se sabe o tamanho do forno no deserto para esse assado.



A camada de pré-sal

Ela surgiu a partir de um riquíssimo depósito de matéria orgânica que, ao longo de milhões de anos, foi prensado por grossas camadas de rocha e sal, transformando-se em petróleo. O estrato do pré-sal está a cerca de 7 mil metros de profundidade, ocupando uma faixa de 800 quilômetros do litoral brasileiro que se estende de Santa Catarina ao Espírito Santo. Estima-se que lá estejam guardados cerca de 80 bilhões de barris de petróleo e gás.



Orquídeas

No mundo há cerca de 50 mil espécies de orquídea, 20 mil encontradas diretamente na natureza e outras 30 mil criadas em laboratório, a partir do cruzamento de espécies diferentes. O Brasil é um dos países mais ricos nesse tipo de planta. Por aqui, calcula-se, deve haver perto de 3 500 espécies.



Diocleciano Sarney

Caio Aurélio Valério Diocleciano foi imperador romano de 284 a 305. Durante seu período decretou o congelamento dos preços. Mas não é verdade que para o ex-presidente José Sarney tenha sido esse o motivo do congelamento durante seu governo (1985-1990).



Fogo caro

Em Portugal, durante o regime do ditador Salazar, as pessoas precisavam de uma licença para o uso de isqueiros. Essa licença, um pequeno papel oficial emitido pelo governo, custava 10 escudos e deveria ser transportado pelo dono do isqueiro. Em caso de falta da licença, o portador do isqueiro era multado em 250 escudos. A proibição durou entre 1937 e 1970 e seria para proteger a indústria de fósforo portuguesa.



Pão francês

Acredita-se que o pão tenha surgido há 12 mil anos na Mesopotâmia, juntamente com o cultivo do trigo. No Brasil, o pão começou a ser popular no século XIX, apesar de ser conhecido desde os colonizadores. A receita do pão francês no Brasil só surgiu no início do século XX e difere do pão europeu por conter um pouco de açúcar e gordura na massa.



QUERIDO NETO!

Outro dia tive uma experiência maravilhosa, que quero compartilhar com você. Fui à livraria cristã e ali encontrei um adesivo para o carro que dizia:

“Se ama a Deus, toque a buzina”

Como tinha tido um dia bastante difícil, decidi comprar e colar no para-choque do meu carro. Ao sair, na hora do rush, a uma temperatura de 37 graus, cheguei a um cruzamento muito complicado, com muitos veículos.

Fiquei ali parada, porque a luz estava vermelha, pensando no Senhor e nas coisas boas que dele tenho recebido. Não percebi que a luz tinha ficado verde, mas descobri que há muitos que amam o Senhor, porque imediatamente começaram a buzinar... Foi maravilhoso!



A pessoa que estava atrás de mim era, com certeza, muitíssimo religiosa, porque tocava a buzina insistentemente e gritava:

“Pelo amor de Deus!”. Incentivados por ele, todos começaram a buzinar também. Eu lhes sorri e saudava com a mão pela janela, totalmente emocionada. Vi que outro rapaz me acenava de uma maneira muito especial levantando só o dedo médio da mão. Perguntei ao Beto, seu primo, que estava comigo, o que queria dizer aquele aceno.

Ele me respondeu que era uma “saudação havaiana”, de boa sorte! Então, comecei a saudar a todos da mesma maneira. O Beto estava muito feliz, rindo muito, imagino que pela bela experiência religiosa que estava vivenciando.

Dois homens desceram de um carro e começaram a andar em nossa direção, acho que para rezar comigo, para me perguntar que igreja frequento, mas foi neste momento que vi que a luz estava verde. Então, saudei a todos meus irmãos e irmãs e cruzei o semáforo.

Logo percebi que o único carro que havia passado era o meu, já que a luz voltou a ficar vermelha. Me senti triste de deixá-los ali, depois de tanto amor que havíamos compartilhado. Então parei, desci do carro e saudei a todos com a “saudação havaiana” pela última vez e me fui. Agradeço a Deus por mais esta experiência maravilhosa que tive com todos esses bons homens e mulheres. Beijos da sua avó.

(Autor desconhecido)

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br